

VENCEDOR
DO
PULITZER
PRIZE

A ESTRADA

Bestseller do New York Times

SUBTERRÂNEA

COLSON

WHITEHEAD

ALFAGUARA



À Julie

Índice

Ajarry	11
Geórgia	21
Ridgeway	93
Carolina do Sul	107
Stevens	165
Carolina do Norte	175
Ethel	233
Tennessee	241
Caesar	279
Indiana	287
Mabel	351
O Norte	359

Ajarry

A primeira vez que Caesar propôs a Cora fugirem para Norte, ela respondeu-lhe que não.

Isto foi a avó dela a falar. A avó de Cora viu o mar pela primeira vez naquele final de tarde brilhante no porto de Ouidah e a água ofuscou-a depois do tempo que esteve nas masmorras da fortaleza. Ficavam nas masmorras até à chegada do barco. Os assaltantes daomeanos começaram por raptar os homens e depois, na lua seguinte, regressaram à aldeia para levar as mulheres e as crianças, acorrentando-as aos pares e obrigando-as a caminhar até ao mar. Ao olhar para a escuridão da soleira da porta, Ajarry pensou que iria juntar-se ao pai, ali no escuro. Os sobreviventes da sua aldeia contaram-lhe que, quando o pai não conseguiu acompanhar o passo da marcha forçada, os caçadores de escravos esmagaram-lhe a cabeça e deixaram o corpo à beira do caminho. A mãe tinha morrido há alguns anos.

A avó de Cora foi vendida diversas vezes ao longo do trajecto até à fortaleza, passou de uns negreiros para outros em troca de conchas de búzio e contas de vidro. Era difícil dizer quanto pagaram por ela em Ouidah, pois fazia parte de um lote de oitenta e oito almas trocadas por sessenta caixotes de rum e pólvora, cujo preço subiu após o leilão habitual em Coast English. Homens em boas condições físicas e mulheres em idade fértil valiam mais do que as crianças, o que dificultava a contabilidade individual.

O *Nanny* zarpara de Liverpool e fizera duas paragens ao longo da Costa do Ouro. Em vez de optar por uma carga de cultura e natureza específicas, o comandante fez diferentes

aquisições: quem sabia que tipo de motim poderiam os seus cativos preparar se partilhassem uma língua comum? Era o último porto de escala do navio antes da travessia do Atlântico. Em sussurro, dois marinheiros louros arrastaram Ajarry para o navio; a pele deles era branca como marfim.

O ar nauseabundo do porão, a escuridão do confinamento e os gritos daqueles que estavam agrilhoados ao seu lado conseguiram levar Ajarry à loucura. Devido à sua tenra idade, os captos não descarregaram imediatamente nela os seus impulsos, mas alguns dos companheiros mais experientes acabaram por abusar dela durante as seis semanas da viagem. Tentou matar-se duas vezes durante a travessia até à América, uma negando-se a comer e outra por afogamento. Os marinheiros impediram-na em ambas, pois conheciam bem os esquemas e as manias dos escravos. Ajarry nem sequer conseguiu chegar à amurada quando tentou saltar pela borda fora. O seu aspecto lastimável, reconhecível em milhares de escravos antes dela, traiu-lhe as intenções. Acorrentada da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, numa miséria exponencial.

Embora tentassem que não os separassem no leilão em Ouidah, os outros membros da sua família foram comprados por comerciantes portugueses da fragata *Vivilia*, avistada quatro meses mais tarde à deriva a dez milhas das Bermudas. A peste dizimara todos os que iam a bordo. As autoridades atearam fogo à embarcação e ficaram a observá-la enquanto ardia e se afundava. A avó de Cora nunca soube do destino do barco. Durante o resto da vida imaginou os primos a trabalharem para donos simpáticos e generosos no Norte, vendidos em leilões melhores do que os dela, a tecerem ou a fiarem, nada de trabalhos no campo. Nas suas histórias, Isay, Sidoo e os outros tinham conseguido comprar a liberdade de alguma maneira e viviam como homens e mulheres livres na cidade da Pensilvânia, um lugar onde uma vez ouvira dois homens

brancos a discutir. Estas fantasias serviram de conforto a Ajarry quando os fardos foram de tal ordem que a podiam ter desfeito em mil pedaços.

A avó de Cora voltou a ser vendida depois de passar um mês na casa de quarentena Sullivan's Island, quando os médicos confirmaram que ela e o resto da carga do *Nanny* não sofriam de quaisquer doenças. Outro dia agitado no Mercado. Um grande leilão atrai sempre uma multidão colorida. Vendedores e compradores de todos os pontos da costa convergiram para Charleston; observaram os olhos, as articulações e a coluna da mercadoria como se suspeitassem de doenças venéreas e outras maleitas. Os espectadores deliciavam-se com ostras frescas e milho quente enquanto os gritos dos leiloeiros ecoavam pelo ar. Os escravos perfilavam-se nus em cima da plataforma. Houve uma licitação muito concorrida por um grupo de garanhões ashanti, aqueles africanos famosos pela sua diligência e musculatura, e o capataz de uma pedreira de calcário comprou um grupo de miúdos a bom preço depois de muito regatear. A avó de Cora viu um rapazito no meio dos mirones a comer um chupa-chupa colorido e ficou a pensar no que estaria ele a meter na boca.

Pouco antes do pôr-do-sol, um agente comprou-a por duzentos e vinte e seis dólares. Poderia ter valido mais, mas naquela temporada havia excesso de raparigas. Vestia um fato feito com o tecido mais branco que ela alguma vez vira e nos dedos brilhavam-lhe anéis com pedras de diferentes cores. Ela sentiu o frio do metal na pele quando ele lhe apertou os seios para ver se ela ainda estava em flor. Marcaram-na, não era a primeira vez nem seria a última, e acorrentaram-na ao resto das aquisições do dia. Nessa noite, a cáfila iniciou a longa caminhada para sul, cambaleando atrás da carroça do comprador. Nessa altura, o *Nanny* já ia a caminho de Liverpool, carregado de açúcar e tabaco. Ouviam-se menos gritos no porão.

Tantas vezes foi vendida, trocada e revendida ao longo dos anos seguintes, que poderíamos pensar que a avó de Cora estava amaldiçoada. Os seus proprietários foram à ruína com uma frequência surpreendente. O seu primeiro dono deixou-se enganar por um homem que lhe vendeu um aparelho que limpava o algodão duas vezes mais depressa do que a máquina de Whitney. Os diagramas eram convincentes mas, no final, Ajarry acabou por fazer parte dos bens que o juiz mandou leiloar para liquidar as dívidas. Deram duzentos e dezoito dólares por ela num negócio feito à pressa, uma quebra de preço que ficou a dever-se às realidades do mercado local. Outro dono morreu de hidropisia e depois a viúva vendeu a propriedade, de modo a arranjar dinheiro para financiar o regresso à sua Europa natal, onde havia menos promiscuidade. Ajarry pertenceu durante três meses a um galês que acabou por a perder, tal como a outros três escravos e dois porcos, num jogo de *whist*. E assim por diante.

O preço dela foi flutuando. Quando se é vendido tantas vezes, o mundo ensina-nos a prestar atenção. Não tardou a aprender a adaptar-se às novas plantações, a distinguir os rebenta-negros dos meramente cruéis, os preguiçosos dos trabalhadores, os informadores dos guardadores de segredos. A classificar patrões e patroas segundo graus de malvez, propriedades de diferentes dimensões e ambições. Por vezes, os produtores pretendiam apenas levar uma vida humilde, mas também havia aqueles homens e mulheres que queriam possuir o mundo, como se se tratasse apenas de uma questão de ampliarem as suas propriedades. Duzentos e quarenta e oito, duzentos e sessenta e duzentos e setenta dólares. Para onde quer que fosse era só açúcar e índigo, excepto naquela semana em que esteve a dobrar folhas de tabaco antes de voltar a ser vendida. Apareceu um comprador na plantação de tabaco à procura de escravas em idade fértil, de preferência com os dentes

todos e de feitio dócil. Agora era uma mulher. Lá foi ela.

Sabia que os cientistas brancos observavam as coisas para perceber como funcionavam. O movimento das estrelas ao longo da noite, o contributo dos humores no sangue. As temperaturas ideais para uma boa colheita de algodão. Ajarry criou uma ciência a partir do seu próprio corpo negro e foi acumulando observações. Cada coisa tinha um valor e, à medida que este mudava, tudo o resto acompanhava a mudança. Uma cabaça estalada vale menos do que outra da qual a água não escorre, um anzol que segura o peixe vale mais do que outro que perdeu o isco. O estranho é que na América as pessoas eram coisas. Ninguém gastaria dinheiro num velho que não sobreviveria a uma travessia do oceano. Não faltavam compradores para um jovem de uma tribo forte. Uma escrava nova pronta a reproduzir-se era como a casa da moeda, dinheiro que gera dinheiro. Se somos uma coisa — uma carroça, um cavalo ou um escravo —, o nosso valor determina as nossas possibilidades. Ela prestava atenção ao seu lugar.

Por fim, a Geórgia. Um empregado da plantação dos Randalls comprou-a por duzentos e noventa e dois dólares, apesar daquele novo vazio no olhar que lhe conferia um aspecto algo apatetado. Durante o resto da vida nunca mais saiu da terra dos Randalls. Sentia-se em casa, nesta ilha à vista de nada.

A avó de Cora casou-se três vezes. A sua predilecção eram ombros largos e mãos grandes, tal como o velho Randall, embora os trabalhos que dono e escrava tivessem em mente fossem diferentes. As duas plantações estavam bem abastecidas: noventa negros na metade norte e oitenta e cinco na metade sul. Por isso, geralmente, Ajarry tinha muito por onde escolher. Quando tal não acontecia, sabia ser paciente.

O primeiro marido ganhou uma sede enorme por *whisky* de milho e deu em usar aquelas grandes mãos para lhe dar murros ainda maiores. Ajarry não ficou triste ao vê-lo desaparecer estrada fora quando o venderam para uma plantação de cana-de-açúcar na Florida. A sua escolha seguinte recaiu sobre um dos rapazes dóceis da metade sul. Antes de ter sido levado pela cólera, gostava de contar histórias da Bíblia, pois o seu anterior dono tinha ideias bastante liberais no que dizia respeito a escravos e religião. Ela adorava as histórias e parábolas e assumia que os homens brancos tinham um objectivo: falar de salvação pode dar ideias aos africanos. Pobres filhos de Cam. O seu último marido ficara com as orelhas em chaga por ter ido roubar mel, e até ele morrer nunca deixaram de deitar pus.

Ajarry deu à luz cinco filhos destes homens, todos eles paridos no mesmo catre da cabana, para o qual apontava sempre que eles se portavam mal. Foi dali que vocês vieram e volto a pô-los lá se não me ouvirem. Se os ensinasse a obedecer, talvez acatassem as ordens de todos os donos que pudessem vir a ter e conseguissem sobreviver. Infelizmente, dois matou-os a febre. Um dos rapazes cortou-se num pé enquanto brincava com um arado ferrugento e envenenou-se-lhe o sangue. O mais novo nunca mais acordou depois de um capataz lhe ter batido na cabeça com um cacete de madeira. Uns atrás dos outros. Pelo menos nunca foram vendidos, foram as palavras que uma idosa disse a Ajarry. O que até era verdade... pois, nessa época, os Randalls raramente vendiam crianças. Sabia-se onde e como é que os filhos iriam morrer. O único rebento que conseguiu ultrapassar os dez anos de idade foi a mãe de Cora, Mabel.

Ajarry morreu no meio do algodão, os flocos flutuaram à sua volta como a espuma das ondas no brutal oceano. Foi a última da sua aldeia, desmaiada entre as camadas por causa de um nó no cérebro, o sangue escorria-lhe pelo

nariz e uma espuma branca cobria-lhe os lábios. Como se pudesse ter sido em qualquer outro lugar. A liberdade estava reservada a outras pessoas, àquelas que viviam na cidade da Pensilvânia, que fervilhava de agitação mil quilômetros mais a norte. Tinham-na avaliado e reavaliado desde a noite em que a raptaram, e todos os dias acordava no prato de uma nova balança. Se soubermos aquilo que valem, saberemos o nosso lugar na ordem. Escapar dos limites da plantação seria escapar aos princípios fundamentais da existência: impossível.

Foi a sua avó quem falou naquela noite de domingo quando Caesar referiu a estrada subterrânea a Cora, e ela lhe disse que não.

Três semanas mais tarde disse que sim.

Desta vez, foi a mãe dela a falar.

Geórgia

RECOMPENSA DE TRINTA DÓLARES

Fugiu ao abaixo assinado, residente em Salisbury, no dia 5 do corrente mês, uma rapariga negra que dá pelo nome de LIZZIE. Supõe-se que a referida rapariga se encontre nas proximidades da plantação da senhora Steel. Darei a recompensa acima referida contra a entrega da rapariga ou de informações de que está detida em qualquer prisão deste estado. Todas as pessoas estão proibidas de dar abrigo a esta rapariga sob pena de serem punidas por lei.

W. M. DIXON

18 DE JULHO DE 1820

O aniversário de Jockey só acontecia uma ou duas vezes por ano, e tentavam que a comemoração valesse a pena. Acontecia sempre ao domingo, quando só trabalhavam meio dia. Às três da tarde, os patrões assinavam o final da labuta e a plantação norte apressava-se para os preparativos. Consertava-se, limpava-se o musgo, reparavam-se os buracos no telhado. A festa tinha prioridade, a menos que se tivesse autorização para ir à cidade vender artesanato ou se tivesse arranjado um trabalho no exterior durante esse dia. Mesmo que alguém estivesse disposto a prescindir de um ganho extra — e ninguém mostrava tal disposição —, era impossível um escravo ser suficientemente descarado para dizer a um branco que não podia trabalhar porque era o seu aniversário. Todos sabiam que os pretos não faziam anos.

Cora sentou-se à porta da sua cabana, num banco de ácer, e começou a limpar a sujidade das unhas. Sempre que podia, ajudava com nabos ou verduras para as festas de aniversário, mas hoje não havia nada. Alguém gritou ao fundo da ruela, quase de certeza um dos rapazes novos, que Connelly ainda não domesticara por completo, e o alarido deu lugar a uma discussão. As vozes soavam alto, mas pareciam mais de irritação do que de fúria. Iria ser um aniversário memorável, se as pessoas já estavam com esta disposição.

— Se pudesses escolher o teu aniversário, qual seria? — perguntou-lhe Lovey.

Cora não conseguiu ver o rosto de Lovey, pois esta tinha o sol pelas costas, mas conhecia a expressão

da amiga. Era uma rapariga simples e nessa noite haveria uma comemoração. Adorava estes momentos raros, fossem o aniversário de Jockey, o Natal ou uma dessas noites de colheita em que todos os que tivessem um par de mãos tinham por onde escolher e os Randalls mandavam os capatazes distribuir *whisky* de milho para os fazer felizes. Deu trabalho, mas a Lua fê-lo valer a pena. A rapariga foi a primeira a dizer ao violinista para começar a tocar e a primeira a dançar. Ignorando os protestos de Cora, tentou puxá-la para a pista. Como se, enquanto rodopiassem de braço dado, Lovey olhasse para os olhos de um rapaz a cada volta e Cora fizesse o mesmo. Mas Cora não se deixou arrastar e sacudiu-lhe o braço. Ficou a ver.

— Eu disse-te quando é que nasci — afirmou Cora. Nascera no Inverno. A mãe dela, Mabel, queixara-se repetidas vezes de como o parto fora difícil, da geada invulgar daquela manhã, do vento que soprava por entre as frinchas da cabana. Como a mãe se esvaíra em sangue durante dias e Connelly só se dera ao trabalho de chamar um médico quando ela já parecia quase um fantasma. De vez em quando, a mente de Cora pregava-lhe partidas e ela transformava a história numa das suas memórias, na qual integrava os rostos de fantasmas, todos escravos mortos, que olhavam lá do alto para ela com amor e indulgência. Mesmo as pessoas que odiava, aquelas que a tinham maltratado ou lhe roubaram a comida após a partida da mãe.

— Se pudesses escolher — começou Lovey.

— Não posso — cortou Cora. — Já está tudo decidido por nós.

— É melhor mudares de humor — retorquiu Lovey, e pôs-se a andar.

Cora massajou as pernas, grata por estar sentada. Houvesse ou não festarola, era ali que Cora terminava todos os domingos depois de o seu meio dia de trabalho chegar

ao fim: empoleirada no seu banco, à procura de coisas para arranjar. Considerava aquelas poucas horas de todas as semanas o momento em que era senhora de si própria, dedicava-se a arrancar ervas daninhas, a matar lagartas, a cuidar das labças e a tentar lançar um olhar feroz a quem planeava invadir o seu território. Fazer a cama era uma tarefa necessária, mas também uma mensagem de que não perdera a determinação desde o dia da machadada.

A terra sob os seus pés tinha uma história, a história mais antiga de que Cora se recordava. Quanto Ajarry ali chegara, logo após a longa caminhada até à plantação, por trás da sua cabana, que ficava ao fim da ruela dos alojamentos dos escravos, só havia um monte de esterco e mato. Mais além estendiam-se os campos e depois disso o pântano. Então, certa noite, Randall teve um sonho acerca de um mar branco que se estendia a perder de vista e resolveu trocar o cultivo do fiável índigo pelo do algodão Sea Island. Estabeleceu novos contactos em Nova Orleães e negociou com especuladores apoiados pelo Banco de Inglaterra. O dinheiro começou a entrar como nunca se tinha visto. A Europa estava faminta por algodão e precisava de ser alimentada, fardo a fardo. Um dia, os homens mais corpulentos abateram as árvores e à noite, ao regressarem dos campos, começaram a cortar os troncos para construírem uma nova fila de cabanas.

Olhando agora para elas, à medida que as pessoas iam entrando e saindo enquanto se preparavam, Cora tinha dificuldade em imaginar a época em que estas catorze cabanas ainda não existiam ali. Apesar de todo o desgaste, das queixas que cada passo suscitava do fundo da madeira, as cabanas tinham a qualidade eterna dos montes a oeste e do riacho que dividia a propriedade. As cabanas irradiavam permanência e, por sua vez, conjuravam sentimentos intemporais naqueles que nelas viviam e morriam: inveja e rancor. Se tivessem deixado mais espaço entre as cabanas

velhas e as novas, teriam poupado muito sofrimento ao longo dos anos.

Os brancos digladiavam-se na presença de juízes por causa desta ou daquela delimitação de terreno com centenas de quilômetros de distância que tinha sido traçada num mapa. Os escravos batiam-se com igual fervor pelas minúsculas parcelas que pisavam. A ruela entre as cabanas dava para prender uma cabra, construir um galinheiro ou plantar alguns produtos que enchiam a barriga por cima daquela mistela que era servida na cantina todas as manhãs. Mas era preciso ser-se dos primeiros a chegar. Quando Randall e, mais tarde, os filhos, tiveram a ideia de vender escravos, ainda a tinta do contrato não secara e já alguém tentava deitar a mão ao espaço desocupado. Ver alguém na tranquilidade da noite a sorrir ou a cantarolar, podia dar ao vizinho ideias de o obrigar a queixar-se, usando para tal métodos de intimidação ou várias provocações. Quem iria ouvir as queixas? Aqui não havia juízes.

«Mas a minha mãe não os deixaria tocar no seu terreno», disse Mabel à filha. Um terreno a brincar, pois a parcela de Ajarry mal chegava aos três metros quadrados. «Disse-lhes que lhes espetava um martelo na cabeça, se se atrevessem a olhar para ele.»

A imagem da avó a atacar outros escravos não encaixava nas lembranças que Cora guardava da mulher, mas assim que começou a cuidar do terreno percebeu a verdade do quadro. Ajarry continuou a tratar da horta durante as mudanças da prosperidade. Os Randalls compraram os terrenos dos Spencers quando esta família decidiu tentar a sorte mais a oeste. Compraram a plantação seguinte a sul e substituíram o cultivo de arroz pelo de algodão, ao mesmo tempo que acrescentaram mais duas cabanas em cada fileira, mas o terreno de Ajarry continuou no meio daquilo tudo, inamovível, como um cepo bem enterrado. Após a morte de Ajarry, Mabel passou a tratar dos inhames

e dos quiabos, do que quer que gostasse. A confusão começou quando chegou a vez de Cora.

Quando Mabel desapareceu, Cora ficou perdida. Tinha então uns dez ou onze anos — não havia ninguém que pudesse confirmar. Enquanto o choque de Cora durou, o seu mundo tingiu-se de cinzento. A primeira cor a reaparecer foi o intenso castanho-avermelhado do terreno da família. Reavivou-lhe a memória de pessoas e de coisas, e resolveu aceitar o desafio, apesar de ser muito nova, baixinha e de saber que já não podia contar com ninguém para a proteger. Devido à sua calma e teimosia, Mabel nunca granjeara popularidade, mas as pessoas continuaram a respeitar Ajarry. A sombra de Ajarry servira-lhe de protecção, mas agora a maior parte dos primeiros escravos dos Randalls já estava debaixo da terra ou fora vendida, o que na prática equivalia a terem desaparecido. Ainda restaria alguém que tivesse sido leal à sua avó? Cora passou a aldeia em revista: nem uma alma. Tinham morrido todos.

Bateu-se por esse pedaço de terra. Havia aquelas pestinhas, demasiado novas para o trabalho a sério. Cora correu ao pontapé as crianças que lhe pisavam os rebentos e gritou-lhes quando desenterravam os inhames, mas no mesmo tom de voz com que as chamava para corridas e outros jogos nas festas de Jockey. Tratava-as com carinho.

No entanto, os pretendentes começaram a entrar em cena. Ava. A mãe de Cora e Ava cresceram juntas na plantação. Foram tratadas com a mesma hospitalidade dos Randalls, de falsidades tão rotineiras e familiares que eram uma espécie de atmosfera, ou de uma monstruosidade tão imaginativa que a sua mente recusava aceitá-las. Por vezes, estas experiências ligavam uma pessoa a outra, da mesma maneira que noutras ocasiões a vergonha da impotência

convertia todas as testemunhas em inimigos. Ava e Mabel não se davam bem.

Ava era rija e forte, as suas mãos tão rápidas como uma cobra-d'água. A velocidade era bastante útil para furtar ou dar umas chapadas nos filhos por serem preguiçosos ou cometerem outros pecados. Mimava mais as galinhas do que os filhos e cobiçava a terra de Cora para ampliar a sua capoeira. «É um desperdício», dizia Ava, passando a língua pelos dentes. «Tudo aquilo só para ela.» Ava e Cora dormiam ao lado uma da outra todas as noites no sótão e, apesar de estarem ali encafuadas com mais oito pessoas, Cora conseguia sentir todas as frustrações de Ava como se estas atravessassem a madeira. A respiração da mulher era húmida de raiva, amarga. Fazia questão de tocar em Cora sempre que se levantava para verter águas.

«Agora estás no Hob», disse Moses a Cora uma tarde em que ela foi dar uma ajuda com os fardos. Moses fizera um acordo com Ava utilizando uma espécie de moeda. Desde que Connelly promovera o escravo a capataz, a um dos braços-direitos do supervisor, Moses passara a controlar as intrigas na cabana. Era preciso manter a ordem nas fileiras e havia coisas que um branco não conseguia fazer. Moses aceitou a função com entusiasmo. Cora achava o rosto dele asqueroso, como um nó a rebentar de um tronco atarracado e seboso. Não ficou admirada quando ele revelou o seu carácter — se esperarmos o tempo suficiente, isso acaba sempre por acontecer. Como o romper da aurora. Cora escapuliu-se para o Hob, para onde os miseráveis eram banidos. Não havia recursos, nem leis, à excepção daquelas que eram reescritas todos os dias. Já alguém deixara espaço para as coisas dela.

Ninguém se lembrava de quem havia sido o infeliz que dera o nome à cabana, mas vivera o suficiente para personificar qualidades antes que eles o tivessem desfeito. Aqueles que tinham ficado aleijados pelos castigos

dos supervisores eram metidos no Hob, sorte igual era a dos que haviam sido esmagados pelo trabalho de manei-ras visíveis ou invisíveis; tal como o destino dos que enlouqueciam era serem metidos no Hob, o mesmo podiam esperar os vadios.

No Hob começaram por viver os homens aleijados, os meios-homens. Depois instalaram-se as mulheres. Brancos e negros abusaram violentamente dos corpos destas mulhe-res e os seus bebés nasciam atrofiados e mirrados, tantos foram os maus-tratos que acabaram por perder o juízo e na escuridão repetiam os nomes dos seus filhos mortos: Eve, Elizabeth, N'thaniel, Tom. Cora deitava-se enrolada no chão da sala principal, tal era o medo de dormir lá em cima com elas, essas criaturas abjectas. Amaldiçoava-se pela sua mesquinhez, mesmo quando se sentia impotente para a combater. Fixava as formas escuras. A lareira, as traves que suportavam o sótão, as ferramentas pendura-das em pregos nas paredes. Era a primeira vez que passava uma noite fora da cabana onde nascera. Ali tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

Tratou-se apenas de uma questão de tempo até Ava pôr em prática a fase seguinte do seu estratagemas. E lá estava o Velho Abraham a intrometer-se. O Velho Abraham, que não era velho de maneira alguma mas que se comporta-va como um misantropo ancião desde que aprendera a sentar-se. Não tinha planos, mas queria que por uma questão de princípio a parcela desaparecesse. Por que razão é que todos os outros deveriam respeitar as reivindicações desta miúda só porque em tempos a avó dela pusera o pé naquele pedaço de terra? O Velho Abraham não queria saber de tradições. Tinha sido vendido demasiadas vezes com a desculpa de ter peso a mais. Enquanto andava nos seus afazeres, foram muitas as ocasiões em que Cora o ouviu conspirar sobre a redistribuição da sua parcela. «Tudo aquilo para ela.» Três míseros metros quadrados.

Foi então que Blake apareceu. Naquele Verão, o jovem Terrance Randall começou a preparar-se para o dia em que ele e o irmão tomariam conta da plantação. Comprou um grupo de pretos nas Carolinas. A seis deles, fantis e mandingas, e a acreditar nas palavras do vendedor, a Natureza dotara de corpos e temperamento talhados para o trabalho. Só por eles, Blake, Pot, Edward e os restantes formavam uma tribo na terra dos Randalls e não pareciam dispostos a servir-se do que não fosse deles. Terrance Randall fez saber que eram os seus novos favoritos e Connelly tratou de garantir que ninguém se esquecesse disso. Aprendia-se a desviar dos homens quando estavam de mau humor ou nas noites de sábado, depois de já terem emborcado a sidra toda.

Blake era um colosso, um homem que comia por dois e que não tardou a mostrar que Terrance Randall tivera boa visão ao investir nele, pois conseguiria um bom preço da progenitura só daquele macho. Eram frequentes os espectáculos em que Blake lutava com os companheiros ou com quaisquer outros, causando um grande alvoroço e impondo-se inevitavelmente como vencedor. A voz dele ecoava pelas cabanas enquanto trabalhava, e mesmo aqueles que o detestavam acabavam por cantar em coro com ele. O homem tinha uma personalidade execrável, mas os sons que saíam do seu corpo animavam os trabalhadores.

Depois de algumas semanas a farejar e a avaliar a metade norte, Blake decidiu que o terreno de Cora seria o sítio ideal para prender o seu cão. Sol, brisa, proximidade. Blake chamara o rafeiro para junto de si durante uma deslocação à cidade. O cão ficou, permanecendo junto ao fumeiro enquanto Blake trabalhava e ladrando ao mais pequeno ruído das noites agitadas da Geórgia.

Blake tinha jeito para a carpintaria — não se tratara, como tantas vezes sucede, de uma mentira inventada pelo vendedor para pedir um preço mais elevado por ele. Construiu uma casota para o cachorro e tentou captar elogios. Os comentários foram genuínos, pois a casota estava muito bem feita, com proporções correctas e ângulos limpos. Tinha uma porta com dobradiça e, na parede posterior, recortara um sol e uma lua.

— Não é uma mansão bonita? — perguntou Blake ao Velho Abraham. Desde que chegara, Blake apreciara a franqueza por vezes motivadora dele.

— Um óptimo trabalho. Aquilo é uma camita lá dentro?

Blake cosera uma fronha e enchera-a com musgo. Achou que o espaço no exterior da sua cabana era o local mais indicado para a casota do cão. Até então não reparara em Cora, mas agora procurava fitá-la nos olhos quando ela estava por perto, um sinal de que deixara de ser invisível.

Ela tentou cobrar algumas dívidas da mãe, aquelas de que sabia. Recusaram pagar-lhas. Como Beau, a costureira que Mabel tratara quando teve uma febre súbita. Mabel dispensara à rapariga a sua porção do jantar e levava-lhe à boca um caldo de verduras e raízes até ela voltar a abrir os olhos. Beau respondeu-lhe que pagara essa dívida e outras e mandou Cora regressar ao Hob. Cora lembrava-se de que Mabel servira de álibi a Calvin quando desapareceram algumas alfaias de lavoura. Connelly, que adorava usar o chicote, teria esfolado as costas de Calvin se ela não tivesse inventado uma história para o defender. E teria feito o mesmo a Mabel se descobrisse que ela estava a mentir. Depois do jantar, Cora foi ter com Calvin sorrateiramente: Preciso de ajuda. Ele enxotou-a. Mabel contara que nunca tinha descoberto para que finalidade utilizara ele aquelas ferramentas.

Pouco depois de Blake dar a conhecer as suas intenções, Cora acordou, certa manhã, e descobriu a devassa. Saiu do Hob e foi ver a horta. A aurora havia sido bastante fria e acima do chão ainda pairava uma ligeira neblina. Foi então que viu aquilo: espalhados pelos degraus da cabana de Blake, os restos dos talos do que teriam sido as suas primeiras couves, já ressequidos. Via-se que alguém revolvera e pisara a terra, de modo a preparar um bonito quintal para a casota do cão, que ocupava o centro do seu terreno como se fosse uma grande mansão no coração de uma plantação.

O cão deitou a cabeça fora da porta, como se lhe quisesse fazer ver que sabia que em tempos aquele terreno lhe pertencera, mas que isso lhe era indiferente.

Blake saiu da sua cabana e cruzou os braços. Mandou uma cuspidela.

As pessoas foram-se reunindo em redor do campo de visão de Cora; todas com os olhos postos nela, uma sombra de mexericos e censuras. A mãe já não estava ali. Tinham-na transferido para a casa dos miseráveis e ninguém correria em seu auxílio. Agora, aquele homem três vezes maior do que ela, um brutamontes, apoderara-se do seu pedaço de terra.

Cora reflectira acerca da estratégia a utilizar. Anos mais tarde, poderia ter recorrido às mulheres do Hob ou a Lovey, mas isto era agora. A avó avisara que racharia a cabeça ao meio a quem se atrevesse a tocar no seu pedaço de terra. A Cora pareceu excessivo. Como que por um truque de magia, regressou ao Hob e pegou num machado pendurado na parede, aquele para o qual costumava olhar quando não conseguia adormecer. Deixado por um dos anteriores moradores que tivera um dos muitos tristes fins possíveis: tuberculose, pele arrancada à chicotada ou desfeito em merda no meio do chão.

Por esta altura, a notícia já se espalhara e os espectadores tinham acorrido à porta das suas cabanas, de cabeça

inclinada, na expectativa. Cora caminhou entre eles, de corpo arqueado como se enfrentasse um vendaval. Ninguém tentou travá-la naquele ambiente tão estranho. Ao primeiro golpe desfez o telhado da casota; o cão ganiu, pois acabara de ficar sem metade da cauda, e foi a correr esconder-se num buraco por baixo da cabana do dono. Com um segundo golpe destruiu o lado esquerdo da casota e só precisou de mais um golpe para acabar de vez com esta.

Ficou ali de pé, muito direita e a segurar o machado com as duas mãos. O machado abanou no ar, como se enfrentasse um fantasma, mas ela não vacilou.

Blake cerrou os punhos e avançou para Cora. Os seus rapazes atrás, tensos. E depois parou. O que aconteceu naquele momento entre estas duas figuras — o jovem corpulento e a rapariga esbelta em camisa de noite — tornou-se uma questão de perspectiva. Para aqueles que observavam a partir da primeira fila de cabanas, o rosto de Blake distorcia-se de surpresa e preocupação, como o de um homem que acabasse de cair num reino de vespas. Os que se encontravam do lado das cabanas novas viam os olhos de Cora moverem-se de um lado para o outro como dardos, dando a impressão de que ela avaliava o avanço de uma horda e não de um homem só. Um exército com o qual, no entanto, estava preparada para medir forças. Independentemente da perspectiva, o importante era a mensagem que um transmitia através da sua postura e expressão e que o outro interpretava como: Podes levar a melhor sobre mim, mas isso vai sair-te caro.

Ficaram ali durante breves instantes até que Alice tocou a sineta para o pequeno-almoço. Ninguém iria prescindir da comida. Depois de regressarem do campo, Cora limpou o lixo que enchia o seu pedaço de terra. Fez rebolar o bloco feito de ácer, um desperdício do projecto de construção de alguém, e este tornou-se o seu poiso sempre que tinha algum tempo livre.

Se Cora não fazia parte do Hob até às maquinações de Ava, agora passara a fazer. O seu ocupante mais infame, mas também o de mais longa duração. O trabalho acabava por dar cabo dos incapazes — sempre assim fora — e os que enlouqueciam eram vendidos ao preço da chuva ou degolavam-se. Os lugares nunca ficavam vagos por muito tempo. Cora permaneceu. O Hob era a sua casa.

Serviu-se do que sobrou da casota do cão para fazer uma fogueira. Aqueceu-a e ao resto do Hob durante uma noite, mas Cora tornou-se uma lenda para sempre na plantação dos Randalls. Blake e os amigos começaram a contar histórias. Blake fartou-se de contar que acordara de uma sesta atrás dos estábulos e encontrara Cora de pé diante dele com um machado e desfeita em lágrimas. Era exímio em mímica e a história valia pelos seus gestos. Mal o peito de Cora começou a despontar, Edward, o mais ruim do bando de Blake, gabou-se de que ela saracoteava o vestido ao cruzar-se com ele, fazia sugestões lascivas e ameaçou arrancar-lhe o escalpe quando não quis nada com ela. As raparigas contavam em sussurro que nas noites de lua cheia a viam escapulir-se das cabanas em direcção à floresta, onde fornicava com burros e bodes. Mesmo aqueles que consideraram tais histórias pouco ou nada credíveis acharam por bem manter esta estranha rapariga afastada do círculo de respeitabilidade.

Assim que se soube que a feminilidade de Cora florescera, Edward, Pot e mais uns quantos da metade sul arrastaram-na para trás do fumeiro. Se alguém viu ou ouviu, ninguém fez nada. As mulheres do Hob coseram-na. Nessa altura, Blake já se tinha ido embora. É provável que naquele dia em que a enfrentou tivesse encorajado os amigos a vingarem-se dele: Isto vai sair-te caro! Mas ele já não estava por ali. Fugiu três anos depois de ela ter dado cabo da casota e escondeu-se no pântano durante algumas semanas. Era pelo ladrar do seu cão que os vigilantes

sabiam onde ele se encontrava. Cora poderia ter dito que era o que ele merecia, se a punição dele não a fizesse tremer só de pensar nisso.

Um romance notável, que reconstrói os tempos da escravatura, misturando fábula e realidade. Uma poderosa história individual que espelha uma condição universal: a luta para escapar ao próprio destino.

**Pulitzer Prize de Ficção
National Book Award ★ Indies Choice Book Award
Andrew Carnegie Medal of Excellence**

Cora é escrava numa plantação de algodão no Estado sulista da Geórgia. A vida é um inferno para todos os escravos, mas particularmente difícil para ela. Abandonada pela mãe, cresce no meio da mais difícil solidão, a dos que são marginalizados pelos seus iguais. Até que Caesar, um jovem escravo acabado de chegar do Estado vizinho da Virgínia, lhe fala da estrada subterrânea e fogem da plantação, rumo ao Norte e à Liberdade. Nessa madrugada de mau presságio, inicia-se uma fuga sangrenta, uma odisséia de esperança e desilusão.

A estrada subterrânea converte em realidade uma fábula da época esclavagista e imagina uma verdadeira rede de estações clandestinas unidas por um caminho-de-ferro subterrâneo que cruza a nação norte-americana. Na fuga, Cora encontrará, em cada paragem, um mundo novo, numa viagem que é uma descida aos infernos da condição humana mas também uma epopeia de esperança num país onde ainda há homens bons.

Colson Whitehead é um dos mais destacados romancistas americanos do presente e conseguiu o feito raro de vencer duas vezes consecutivas o Pulitzer Prize, o mais importante prémio literário americano. Neste livro, que o catapultou para a fama mundial, brinda-nos com uma história de que todos fazemos parte.



«Incrível. Poderoso.»

BARACK OBAMA

«Um romance poderoso, quase alucinante... Ecos de Toni Morrison, Victor Hugo e Ralph Ellison. Pinceladas de Jorge Luis Borges, Franz Kafka e Jonathan Swift...»





MICHIKO KAKUTANI, *The New York Times*

«Uma obra-prima, profunda e plenamente conseguida, uma peculiar combinação de história e fantasia que levará os críticos a fazer comparações justas com Toni Morrison e Gabriel García Marquez...»

The Boston Globe



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897844423



9 789897 844423 >